

Verbal behavior de B. F. Skinner: uma apreciação retrospectiva

Kenneth MacCorquodale ✉

The University of Minnesota

Em seu capítulo da *Annual Review* sobre literatura de aprendizagem em 1957, Kendler observou, em óbvia perplexidade, que:

Skinner é um enigma... Nunca na história da psicologia houve uma pessoa que escreveu dois livros tão contrastantes. *Verbal Behavior* é praticamente vazio de fatos e cheio de especulação. *Schedules of Reinforcement*, por outro lado, é cheio de fatos e vazio em especulações. (Kendler, 1959, p. 59)

Contemporary Psychology reconheceu a importância de *Verbal Behavior*; dando-lhe dois prestigiosos críticos, Charles Osgood e Charles Morris, representando a Psicologia e a Semântica respectivamente. Ambos questionaram se o sistema ateuórico de Skinner é adequado ao comportamento verbal,

embora a intenção do livro tenha sido mostrar que é. Tal suspeita é perfeitamente familiar aos skinnerianos, e muitos, senão skinnerianos ortodoxos, provavelmente simpatizam com ela secretamente no caso do comportamento verbal, de repente se tornando mentalistas de armário, por assim dizer.

Apesar de suas próprias reservas, tanto Osgood quanto Morris estavam conscientes da importância do livro. Osgood afirmou: “*Verbal Behavior* é certamente uma das duas ou três contribuições mais significantes para esse campo em nosso tempo... cheio de *insights* sobre o comportamento humano” (Osgood, 1958, p. 212). Morris escreveu: “O livro de Skinner é tão elegante quanto admirável” (Morris, 1958, p. 213). Ambos previram um futuro promissor para o livro. Como Osgood o coloca: “se o pássaro se mostra um pouco grande demais para seu ninho, isso simplesmente demonstra a viabilidade

¹ N. do A.: Dedicado a B. F. Skinner em seu 65º ano de vida. Reimpressões podem ser obtidas do autor, Depto. de Psicologia, 112 Elliott Hall, Universidade de Minnesota, Minneapolis, Minnesota 55455.

² N. dos T.: Tradução feita por Luciano Barbosa de Queiróz, da Universidade Federal de Goiás (UFG), Brasil, e pelo Me. Fabio Hernandez de Medeiros, da Universidad Veracruzana, México. Agradecemos a revisão feita pela Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva (RBTCC). Artigo originalmente publicado no Journal of the Experimental Analysis of Behavior (JEAB) [MACCORQUADALE, K. (1969). B. F. Skinner's Verbal Behavior: a retrospective appreciation. Journal of the Experimental Analysis of Behavior, 12(5), 831-841]. A tradução para a língua portuguesa e a publicação na Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva (RBTCC) foram permitidas pela Wiley. A tradução é uma homenagem aos 60 anos do lançamento do livro Verbal Behavior (1957).

³ N. dos T.: Os tradutores agradecem profundamente à Ph.D. Amy Odum, da Utah State University (USU) e editora do JEAB, e a Jennifer Davison, editora sênior da Wiley, pela permissão de traduzir o artigo para o português brasileiro e publicá-lo. Também agradecem à Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva (RBTCC) pela oportunidade.

dos filhotes” (Osgood, 1958, p. 214). Morris coloca -o mais calmamente: “É um livro impressionante, e sua influência será merecidamente grande” (Morris, 1958, p. 214).

Assim ele tem sido de fato, embora de um modo um tanto indireto. Sua influência foi, em parte, mediada, por incrível que pareça, por Chomsky, que escreveu uma terceira resenha, implacavelmente negativa, (Chomsky, 1959), que é tão bem conhecida entre psicólogos quanto o próprio livro e mesmo mais amplamente lida, a julgar pela subsequente aceitação sem crítica de seus equívocos acerca do conteúdo de *Verbal Behavior*.

Nesta resenha retrospectiva, que será francamente – mas, eu espero, criticamente – favorável, tentarei esclarecer por que *Verbal Behavior* é suscetível a mal-entendidos e então reconstruir os principais pontos da discussão do livro, já que sinto que é a sua própria melhor defesa. Ao longo do caminho, comentarei aqueles aspectos que têm, em minha experiência, levantado as questões mais sensíveis. *Verbal Behavior* merece uma leitura cuidadosa, tanto por seus *insights* relativos à fala, que são consideráveis, quanto pela luz que ele lança sobre a análise do comportamento como um sistema científico onde quer que seja aplicada.

Verbal Behavior é, em parte, vulnerável a mal-entendidos porque suas intenções e suas exigências de validade não são firmemente especificadas desde o início. Não é nem uma nova grande teoria, nem uma nova microteoria; não tem nova evidência experimental, nem registros cumulativos, nem análise de variância. Muitos leitores, acostumados a ter sua psicologia tão repleta de dados quase brutos quanto possível, simplesmente não souberam como ca-

tegorizá-lo, embora Schoenfeld (1969) nos tenha lembrado que *Verbal Behavior* é mais parecido com o *Psychology of Grammar* de Kantor, ao qual ele pode ser comparado. Mas, infelizmente, o livro de Kantor não é um livro conhecido.

Skinner caracterizou *Verbal Behavior* como uma “extensão ao comportamento verbal” e “um exercício de interpretação ao invés de uma extrapolação quantitativa de resultados experimentais rigorosos” (Skinner, 1957, p. 11). Em uma versão anterior, ele o chamou, de forma mais informativa, de uma *reconstrução plausível* de como um comportamento verbal realizado por um falante poderia ter sido condicionado e mantido pelos mesmos tipos de variáveis controladoras e contingências de reforço que condicionam e mantêm o comportamento não verbal, sem recorrer a novos princípios, novas variáveis ou, acima de tudo, a entidades hipotéticas nem como mediadores causais, nem como atributos da fala como uma variável dependente.

Penso que *Verbal Behavior* é mais bem concebido como uma *hipótese* de que a fala está dentro do domínio dos comportamentos que podem ser explicados pelas leis funcionais existentes, baseada no pressuposto de que ela [a fala] é ordenada, submetida a leis e determinada e que não tem propriedades emergentes únicas que exijam um sistema causal separado, um sistema geral aumentado ou recurso a mediadores mentais.

A palavra *hipótese* pode ser indesejada e descuidada nesse contexto, mas ela me parece caber precisamente e colocar *Verbal Behavior* em terreno familiar em que ele pode ser avaliado em relação a critérios relevantes. Como todas as hipóteses, essa afirma mais do que o autor já demonstrou experi-

mentalmente e soa dogmática, o que esperamos e toleramos em hipóteses. Eu não sei quando uma hipótese é prematura. Usualmente, elas são publicadas depois de terem sido experimentalmente testadas, e *Verbal Behavior* não foi, nem estimulou muitos experimentos relevantes em seus próprios termos. As poucas pesquisas que se seguiram são altamente centradas nos efeitos do reforçamento de respostas verbais que têm propriedades gramaticais pré-selecionadas, tais como substantivos no plural. Apesar de que não haver propriedade de resposta formal que possa manter a indução de resposta em tais classes, a operação do reforçamento tem se revelado surpreendentemente (e talvez desconcertadamente) poderosa.

Skinner, por sua vez, não parece esperançoso por um eventual teste experimental da hipótese, principalmente por causa das vicissitudes da identificação e controle de todas as variáveis presumidamente em vigor e por causa da impossibilidade prática de se conhecer toda a história ontológica relevante do falante. As observações longitudinais disponíveis das interações adulto-criança em espaços naturalísticos fornecem amostras muito, muito restritas da fala de um número muito pequeno de crianças um tanto mais velhas e representam um trabalho monumental. Aliás, elas também contêm muita informação para tranquilizar Skinner, embora também não sejam experimentais.

Essas restrições práticas acerca da testabilidade experimental de *Verbal Behavior* não o transformam, ou a análise sobre a qual ele repousa, em uma teoria, pura especulação ou metafísica. *Verbal Behavior* é, de fato, cheio de dados empíricos observáveis relevantes, naturalísticos. Embora eles não sejam experimentais e não tenham sido gerados com o objetivo

de testar a hipótese, eles constituem um teste, ao passo que são coerentes com ela e não a contradizem. A esse respeito, contudo, são precisamente tão eficazes quanto um teste experimental seria.

Supondo que *Verbal Behavior* seja uma hipótese, o que podemos exigir dele? Não que ele tenha sido provado, naturalmente, nem que seja consistente com nossas preconcepções comuns acerca da relação entre mente e fala. Esses não são os objetivos de uma hipótese. Podemos esperar que termos e processos existentes no aparato explanatório subjacente serão plausivelmente aplicados à fala concebida em termos puramente comportamentais, sem modificação em quaisquer características definidoras e sem invocar variáveis novas, *ad hoc*.

Verbal Behavior é vulnerável também porque suas preconcepções relativas à fala divergem bastante da tradição. A fala é o último reduto do mentalismo. Agora Skinner nos diz que ele não é necessário nem mesmo lá. A convicção inicial de que uma descrição puramente funcional é viável para todo comportamento depende bastante do conhecimento dos artigos metodológicos de Skinner, o que muitos leitores simplesmente não possuem. Eles são referidos a *Science and Human Behavior* (Skinner, 1953) para reabilitação, uma escolha surpreendente, mas exatamente apropriada, embora Skinner diga de *Verbal Behavior* que “o presente relato é autônomo” (Skinner, 1957, p. 11).

A confiança mesmo do mais devotado analista funcional pode precisar de algum incentivo quando a análise implacavelmente prossegue para abranger a fala. Ele pode estremecer ao ser chamado de um mero “lócus – um lugar em que um número de variáveis vêm juntas em uma única confluência para

produzir um objetivo igualmente único” (Skinner, 1957, p. 313) e algo de que devem “se livrar” (Skinner, 1957, p. 312), no que diz respeito a seu controle autônomo sobre a própria fala. Isso levanta algumas questões sobre ele. Se não está disposto a cogitar a *possibilidade*, ao menos, de que a análise é suficiente para sua própria fala e pode diminuir a importância de seu *self*, por que ele começou nesse caminho? O destino não é claramente uma surpresa, independentemente do quanto declaremos que já chegamos lá. Por que ele nega mais do que o status de lócus para o rato e o pombo? O que ele supõe que acontece aos efeitos de seus próprios reforçamentos passados e ao poder de evocação de seu ambiente quando ele suspende a ciência natural e assume o controle de sua fala?

Um terceiro aspecto da vulnerabilidade de *Verbal Behavior* é que os processos explanatórios descritos não são usualmente identificados por seus nomes técnicos. O objetivo desse estratagema foi, sem dúvida, facilitar as coisas, torná-las mais agradáveis aos leitores não científicos, mas isso desconcerta o leitor científico, que se pergunta se um termo técnico que parece adequado em um dado contexto foi evitado por alguma razão que lhe escapa. Chomsky curiosamente reclamou de Skinner pegar emprestado o vocabulário técnico para criar uma falsa atmosfera de objetividade; eu concluí exatamente o oposto – e teria preferido mais.

FALA COMO COMPORTAMENTO

Há algo paradoxal na mera existência de um tratamento separado da fala, já que o objetivo do esforço é mostrar que nem a forma do comportamento, nem o sistema explanatório necessário são independentes ou únicos. O comportamento verbal é, de fato,

uma subclasse do comportamento, e não uma nova classe. Pela definição de Skinner, qualquer comportamento é verbal se ele é “reforçado por meio da mediação de outras pessoas” (Skinner, 1957, p. 2). As respostas verbais tradicionais – fala, escrita e gesticulação – são reforçadas por pessoas cujo comportamento mediador foi “*condicionado precisamente a fim de reforçar o comportamento do falante*” (Skinner, 1957, p. 225. Itálicos no original). À primeira vista, isso parece um modo desnecessariamente obscuro de definir o campo, mas é apropriadamente funcional e coerente com a hipótese. Além disso, ele se revela, em uma investigação minuciosa, como uma forma higienizada de isolar esses repertórios tradicionalmente considerados simbólicos. O que é simbólico sobre o comportamento verbal é, primeiro, que ele não tem contingências de reforço diretas, mecânicas, mas, segundo, que ele é respondido discriminativamente por outras pessoas, apropriadamente condicionadas, de modos que são reforçadores para o falante. Esse fato dá ao comportamento verbal essencialmente todas as suas características únicas.

Os repertórios verbais que os mediadores de reforçamento foram condicionados a discriminar são tais que “no estudo da fala, temos de explicar uma série de atividades musculares complexas que produzem ruídos. No estudo da escrita ou da gesticulação, lidamos com outros tipos de respostas musculares” (Skinner, 1957, p. 13) e nada mais. Ultrapassadas estão intenção, ideias, informação, referência, significado e todas as outras dimensões conceituais atribuídas ao comportamento verbal. Como de costume, os músculos não são nomeados; já que a fala é operante, o que conta é o efeito, e não a forma. Citação direta e transcrição bastam para o registro adequado da fala. Eles podem parecer dados cien-

tíficos brutos, mas de fato eles estimulam o destinatário do relatório praticamente da mesma forma que estimularam o observador do comportamento original.

A UNIDADE DE RESPOSTA

Na análise do comportamento verbal, torna-se necessário respeitar a diferença entre o operante e uma resposta, uma distinção que tende a se tornar embaçada em discussões de comportamento não verbal de laboratório. O pressionar a barra e o bicar a chave parecem ser identificáveis em bases puramente formais. Uma resposta é o que se repete e pode ser contado. Entretanto o aspecto repetitivo do pressionar a barra e do bicar a chave é um artefato intencional da situação experimental que não ocorre no comportamento verbal, cujas propriedades formais nada nos dizem sobre onde os limites de suas respostas componentes estão localizados. A resposta verbal pode ser mais bem identificada como tudo o que é fortalecido em um operante verbal ou, posto de outra forma, tudo que é fortalecido como um efeito consistente de uma variável controladora. Linguisticamente, uma resposta pode ser um fonema, palavra ou frase. Muito obviamente, então, na presente obra, a resposta verbal é passível de ser definida apenas abstratamente, mas o método para derivar um exemplo da fala real está disponível. Isso é empírico e não arbitrário.

O senso comum e as nossas preconcepções nos dizem que, uma vez que uma resposta verbal foi condicionada, ela está disponível para “uso” em uma ampla variedade de circunstâncias. O conceito do operante verbal não encoraja tal predição. De acordo com *Verbal Behavior*, se a resposta *leite* foi condicionada a *leite* como um estímulo, ela não será, portanto, fortalecida como um pedido a partir de um estado apro-

priado de privação, a menos que obviamente as duas situações tenham alguns elementos em comum para manter uma forma de generalização de uma para outra. Skinner é muito claro sobre isso. Por mais que a priori provavelmente possa parecer que o falante que “conhece a palavra *leite*” será automaticamente capaz de pedi-lo pelo nome, ele pode muito bem não ser capaz de fazer isso. Correta ou não, a predição de Skinner é interessante porque é deduzida da análise; ele não está simplesmente compondo uma paráfrase técnica do senso comum.

Considerando quão familiar é o conceito de operante, ele ressurgiu como uma entidade surpreendentemente capaz e poderosa quando aplicada ao comportamento verbal. Ele nos diria, se soubéssemos quais operantes um falante “tem”, exatamente o que precisamos saber a fim de predizer, controlar e compreender por que ele fala. Um léxico das respostas em seu repertório nos diria o que ele poderia falar, mas não as condições sob as quais ele as falaria. Um registro da resposta *ordens*, independentemente de ter sido precisamente registrado e internamente analisado, ou do quanto tenha sido conceituado e categorizado em relação às gramáticas superficiais e subjacentes, nada pode revelar no que diz respeito à estrutura das variáveis controladoras. Elas são iluminadas pelo conhecimento das circunstâncias em que ocorreram. Na verdade, questões relativas tanto aos significados quanto às gramáticas de amostras de respostas tão intrigantes como *Eles estão comendo maçãs* são respondidas pela identificação de suas variáveis controladoras.

Nós provavelmente viemos a usar os termos *operante* e *resposta* de forma intercambiável porque fazê-lo é reconfortante. Uma resposta, como uma ocorrência única, datada, é inquestionavelmente

objetiva e facilmente satisfaz nossa insistência na dimensionalidade da ciência natural para todos os nossos termos. O operante, por outro lado, é uma relação e, portanto, questionável. Mas todas as partes componentes de um operante, os termos antecedente e resposta, são objetivos e mensuráveis, assim como o fato de que um segue o outro com uma frequência especificável. Nada é imaginário.

A objetividade de algumas das respostas mencionadas em *Verbal Behavior* pode ser suspeita. Por exemplo, muito da fala é considerado encoberto ou subvocal e é normalmente inobservável. Porém presume-se que o comportamento encoberto tenha lócus muscular, com reduzida – mas real e instrumentalmente mensurável – amplitude. É ao menos potencialmente observável, embora a tradição da pesquisa operante quase não tenha investigado esses repertórios.

Diz-se que a fala encoberta ocorre em uma situação que, se não fosse assim, fortaleceria a forma aberta correspondente. Seu encobrimento é separadamente explicado como devido a alguma ameaça adicional de punição por falar em voz alta. Tende também a ser a forma da fala direcionada ao *self*, pois a razão esforço-reforçamento pode assim ser reduzida sem perder em probabilidade ou quantidade de reforçamento. Em *Verbal Behavior*, a fala encoberta desempenha dois importantes papéis. É uma forma comum da variável dependente, e, às vezes, é considerada uma variável causal. No último papel, é provável que seja incorretamente vista como uma ficção explanatória. Adequadamente falando, é um evento deduzido e presumidamente demonstrável, não um evento hipotético, teórico.

Na fala, como em qualquer outro comportamento, o “dado básico a se predizer e controlar” é a pro-

babilidade de que uma dada resposta ocorrerá em um dado momento (Skinner, 1957, p. 28). A gama de probabilidades consideradas em *Verbal Behavior* estende-se *abaixo* do limite do acontecimento real (aberto ou encoberto; não é essa a questão) para incluir respostas que são simplesmente *potenciais* ou *incipientes*. Essa gama de probabilidades é algo problemático, mas parece realmente descrever o que acontece. Por exemplo, qualquer objeto estímulo parece fortalecer um *conjunto* de respostas verbais. Mas, enquanto as probabilidades de várias respostas podem aumentar simultaneamente, diversas respostas podem não ocorrer de uma só vez. Aquelas que saem perdendo devem ser consideradas como tendo sido meramente incipientes ou potenciais. Tais probabilidades levantam muitas questões metodológicas que Skinner não elaborou em *Verbal Behavior*. Algumas delas devem ser lembradas em partes posteriores desse artigo (ver especialmente *Comportamento Autoclítico*).

REFORÇAMENTO

O reforçamento é central para a tese de *Verbal Behavior*. Skinner obviamente supõe que a fala é condicionada e mantida apenas pelo reforçamento contingente a ela. Isso não significa que contribuições genéticas à fala sejam ausentes ou insignificantes. Um organismo humano aprende a falar porque é geneticamente equipado para isso. Se não fosse, ele não aprenderia. Ele herda sua musculatura vocal e uma forte predisposição para fazer barulho vocal. Ele aprende porque ele é geneticamente susceptível ao reforçamento e aos seus efeitos colaterais de indução e generalização. Nada disso, porém, é fala, que é o produto dessas capacidades genéticas e da experiência.

Há ênfase considerável em *Verbal Behavior* sobre o *reforço condicionado generalizado*. Qualquer objetividade que a fala alcança deve-se à disponibilidade de tais reforçadores, como notaremos mais tarde em maiores detalhes. O conhecimento dos reforçadores generalizados é mais observacional do que experimental, mas, ainda que se deseje mais, não há nada *prima facie* improvável ou *ad hoc* sobre o suposto papel que supostamente desempenham na fala.

Outra ênfase, por outro lado, é nova e inicialmente desconcertante. Diz-se que o mediador de muito do reforço para o comportamento verbal é o próprio falante. Ele pode se autorreforçar, como quando ele dispõe a si mesmo um reforço condicionado generalizado, tal como um encoberto *bom* ou *está certo* contingente a alguma outra resposta verbal em sua própria fala. Um caso especial é o autorreforçamento *automático*. O jogador de dados grita seu ponto, e considera-se que é automaticamente autorreforçado ao fazer isso por “ouvir boas notícias na primeira oportunidade”. “Gabar-se é um modo de ‘ouvir boas coisas ditas sobre si mesmo’” (Skinner, 1957, p. 165). Similarmente, o leitor inexperiente reforça a si mesmo ao fazer tentativas de respostas até ouvir uma à qual possa responder como um ouvinte.

Leva algum tempo para se acostumar com a ideia, e Skinner, na maior parte, deixa o leitor resolvê-la por si mesmo. Um único falante também se realiza como um ouvinte e mediador de reforçamento. Se ele se escuta dizer algo que é reforçador em sua comunidade verbal, ele não estará livre, enquanto ouvinte, de suas consequências reforçadoras. Mas como ambos, falante e ouvinte, são o mesmo, esse reforçamento não é mais mediado e não automático, mas automático e autorreforçador. Uma versão similar e mais convencional desse processo ocorre no

comportamento não verbal quando “o músico toca para si mesmo... toca a música que, como ouvinte, ele acha reforçadora. Em outras palavras, ele ‘toca o que ele gosta’ assim como o falante autorreforçador ‘diz o que ele gosta’” (Skinner, 1957, p. 165).

Seria um erro parafrasear autorreforçamento automático dizendo que tal comportamento “reforça a si mesmo”. Ele gera consequências de estímulo que seriam reforçadores se derivassem de outra fonte, e não reforça a si mesmo mais do que qualquer outro comportamento.

AS VARIÁVEIS CONTROLADORAS

Se um pombo é condicionado a bicar com o reforço de comida quando a chave está iluminada, o bicar é conjuntamente controlado pela privação de comida e pela iluminação, e alterar qualquer um é alterar a probabilidade da resposta. Considerado como comportamento verbal, o que o bicar “diz” ao observador sobre as circunstâncias motivacionais e ambientais atuais do pombo? Nada inequívoco. Ele diz, na realidade, *A luz está ligada e eu estou faminto*. O pombo de laboratório nunca dá um relato objetivo e desinteressado de seu ambiente. Se suficientemente privado, ele pode mentir e dizer que a luz está acesa quando não está. Ele pode falhar ao relatar que a luz está acesa a menos que ela seja *também* privada.

O comportamento verbal é diferente. Algumas respostas verbais estão sob controle ambiental essencialmente exclusivo. Nem sua forma, nem a probabilidade de sua emissão são afetadas pela condição motivacional do falante. Outras respostas verbais são similarmente controladas pelas condições motivacionais e são essencialmente independentes da influência ambiental. Essa polarização de variáveis

motivacionais e ambientais e a fala que elas controlam é uma propriedade dinâmica emergente do comportamento verbal, mas ela não depende de um novo termo ou processo no paradigma do condicionamento operante, como as histórias de reforçamento para estímulo e as respostas controlas por privação mostram, de acordo com a reconstrução de Skinner.

VARIÁVEIS MOTIVACIONAIS: O MANDO

Skinner define um mando como “um operante verbal em que a resposta é reforçada por uma consequência característica e está, portanto, sob o controle funcional de condições relevantes de privação ou estimulação aversiva” (Skinner, 1957, p. 35-36). *Leite, por favor, táxi e pare com isso* são mandos típicos; cada um produz sua própria consequência característica quando recebido por um mediador de reforçamento apropriadamente condicionado. Uma privação ou estímulo aversivo particular automaticamente adquire controle sobre seu mando, porque o reforçador que ele especifica é ineficaz sob outras condições. Nesses aspectos, o mando é muito parecido com a maior parte do comportamento não verbal. Mas, mais importante, ao contrário da maioria do comportamento não verbal, a *forma* do mando não exhibe covariância com os estímulos no ambiente do falante.

Todos os exemplos de privações e estímulos aversivos citados em *Verbal Behavior* são totalmente objetivos. As condições motivacionais responsáveis por mandos que especificam reforçadores condicionados,

Leve-me para dar uma volta; Deixe-me consertá-lo, presumidamente envolvem algum outro reforçador que foi originalmente emparelhado com o reforçador condicionado especificado no mando. Nenhum *drive*⁴ para passear ou para consertar está implicado; *drive*, o termo suspeito que parece vir e ir entre os livros, não aparece em *Verbal Behavior*.

Porém, um novo (para mim) processo dinâmico do controle motivacional é invocado para explicar *mandos mágicos*, “que não podem ser explicados mostrando que já tiveram o efeito especificado ou algum efeito similar em ocasiões similares” (Skinner, 1957, p. 48). Supõe-se, por exemplo, que *Deus permita que eu seja uma delicada flor de maçã* nunca foi reforçado pelo efeito que especifica. “O falante”, afirma Skinner, “parece criar novos mandos pela analogia dos [mandos] velhos” (Skinner, 1957, p. 48), o que descreve o processo, mas não o explica realmente. É como se o reforço de uma variedade suficiente de mandos criasse um tipo de superoperante contendo todos os estados motivacionais remanescentes, pré-associado com quaisquer respostas que especifiquem os reforçadores apropriados para elas. Infelizmente, *Verbal Behavior* não coordena esse processo analógico com algum princípio familiar do controle do comportamento. Diz-se que mandos mágicos são simplesmente *estendidos*, uma palavra que Skinner usa em seu livro para caracterizar comportamento cuja força deve-se à indução de resposta ou à generalização de estímulos, ambos modos de “criação por analogia” certamente. Até onde eu sei, porém, ainda não temos qualquer evidência experi-

⁴ N. dos T.: Não há tradução desse termo para o português brasileiro. “Drive” foi tradicionalmente conceituado pela psicologia internalista como impulso, como algo interno ou metafísico que motivaria o sujeito a se comportar de determinada forma. O termo foi apropriado pelos primeiros estudiosos da análise do comportamento, como Skinner, Keller e Schoenfeld, mas para se referirem a operações ambientais, como saciação e privação. O termo original entrou em desuso, sendo substituído, a partir de progressivos refinamentos conceituais, por “operações motivadoras”. Tais operações alteram ou modulam a efetividade das consequências e a frequência dos comportamentos que as produzem.

mental para justificar a inclusão da privação entre as variáveis que mantêm a generalização. Mesmo se tivéssemos, a heterogeneidade dos estados de privação entre os quais a generalização teria de se estender parece excessiva. A existência dos mandos mágicos parece tão onipresente que a informalidade da explicação de Skinner sugere uma debilidade real na formulação.

Mandos formam uma fração bastante pequena de toda a fala, o que é interessante porque se segue que o restante maior é essencialmente livre do controle por privação, a variável que mesmo psicólogos skinnerianos tendem a achar que está em algum lugar atrás de tudo.

VARIÁVEIS DE ESTÍMULO: S^DS

A maior parte da fala é controlada por estímulos discriminativos (S^Ds). Isso inclui o caso do *tato* genérico, tal como nomeação, asserção e anúncio, e também a fala envolvida nas respostas de ler, de ecoar, de intraverbalizar e certos efeitos de audiência. Frequentemente, tal fala é totalmente objetiva e desinteressada, independente das – e às vezes antitética às – motivações do falante. O cientista é um tateador altamente discriminador, relatando o que ele observa mesmo se isso refuta sua teoria ou não. O leitor simplesmente fala sempre, dizendo qualquer coisa, a qualquer tempo, boas ou más notícias, se ele acredita ou até compreende o que ele fala. Não há, por assim dizer, nada do *falante* em tal comportamento verbal. Isso é notável e deve ser explicado.

No condicionamento desses operantes, a comunidade de reforçamento resolve um óbvio problema em engenharia comportamental: ela deve manter uma contingência de três termos entre o ambiente

do falante, a forma de sua resposta verbal e a apresentação do reforçamento. Isso não é problema, naturalmente, exceto que deve ser feito para evitar a emergência espontânea de uma contingência adicional entre algum estado motivacional particular do falante e a probabilidade e a forma do reforçamento. A comunidade verbal faz isso por meio do uso de *reforçadores condicionados generalizados*. Para o comportamento verbal, os reforçadores condicionados generalizados comuns são, eles mesmos, verbais. O mediador de reforço diz algo: *um-hum, certo, obrigado, correto, sim, muito interessante* – uma pequena lista cujos itens são indistintamente aplicáveis a qualquer contingência estímulo-resposta *contanto que* eles estejam em algum tipo de correspondência convencional. Se seu uso é restrito a essas circunstâncias, resultados do controle puramente ambiental, enquanto seu uso descuidado produz correspondências estímulo-resposta inexatas, tais como exagero, ambiguidade e mentira absoluta.

A maior e mais importante classe de fala controlada por estímulo ocorre no *tato*, cujas relações controladoras são “nada menos que o todo do ambiente físico – o mundo de coisas e eventos sobre os quais um falante ‘fala’” (Skinner, 1957, p. 81). Formalmente, o *tato* é definido como “um operante verbal em que uma resposta de dada forma é evocada (ou ao menos reforçada) por um objeto ou evento particular ou propriedade de um objeto ou evento” (Skinner, 1957, p. 82).

Um *tato* condicionado para um estímulo, naturalmente, generalizar-se-á para outros estímulos. Novamente, evitando o termo técnico, Skinner afirma que tal comportamento generalizado é *estendido*, e novamente corre o risco de parecer nomear o efeito, mas não explicá-lo, embora o leitor informado veria

imediatamente que a generalização está envolvida. Skinner mostra, em uma discussão muito esclarecedora, como exemplos literários tais como metáfora, comparação e metonímia, com todas as suas conotações tradicionais mentalistas, de belas-artes e ação criativa, não passam de simples instâncias de controle de estímulo generalizado. A extensão metonímica é particularmente importante porque explica muitas instâncias em que um tato parece ser fortalecido por um estímulo faltante, tal como quando um falante diz *nenhuma laranja* quando confrontado com a fruteira vazia. Um estímulo faltante não pode controlar uma resposta. Para supor que isso geraria absurdos intermináveis: também não há nenhum elefante, mas possivelmente ninguém menciona o fato. *Laranja* nesse contexto é frequentemente um simples tato, metonimicamente controlado pela fruteira em cuja presença ele foi reforçado em ocasiões em que ela acomodou uma laranja. O *nenhuma* é autoclítico, não metonímico, e será discutido abaixo

Abstração envolve tatear em resposta a alguma única propriedade isolada de um estímulo, tal como sua forma, cor ou configuração. O processo é frequentemente concebido como envolvendo um ato não verbal anterior de decomposição do ambiente em suas partes – chamadas universais – que são, então, tateadas. A reconstrução de Skinner implica, porém, que funcionalmente não é o falante que atua para abstrair uma propriedade fora de seu contexto, mas, sim, a propriedade que abstrai ou fortalece uma resposta fora do repertório do falante.

Skinner afirma que “a abstração é um processo especialmente verbal, porque um ambiente não verbal

não pode fornecer a contingência restrita necessária” (Skinner, 1957, p. 109), isto é, a aprendizagem discriminativa necessária para a abstração *deve* ser mediada por outro organismo. Organismos selvagens, portanto, não abstraem, porque cores, comprimentos e formas não têm identidades funcionais inatas, e o ambiente selvagem não mantém qualquer correlação entre eles e o reforçamento para alguma resposta convencional. A busca completa dessa visão empírica da percepção contém muito a se pensar e pode ser o assunto de debate interminável. É provavelmente verdade para respostas *condicionadas* controladas por propriedades abstratas de estímulos, que parecem requerer reforço mediado. Porém alguns estímulos abstratos parecem ter identidades funcionais inatas para alguns animais selvagens, já que evocam (ou obtêm?) deles comportamento específico da sua espécie.

TATEAR ESTÍMULOS PRIVADOS

É curioso que Skinner, o mais completo behaviorista, seja o único que se dispôs a discutir estímulos privados, o que tem feito com consistência característica desde 1945. Já que falantes realmente aprendem a tatear tais estímulos, como Skinner coloca, de “azia a mal-estar [*Weltschmerz*]”⁵ (Skinner, 1957, p. 132), as variáveis que controlam esses tatos devem ser localizadas a fim de se alcançar a integridade do relato verbal. A análise em *Verbal Behavior* não foi essencialmente alterada desde sua versão de 1945 e não precisa ser reconstruída aqui. Em *Verbal Behavior*, porém, ele dá consideração especialmente detalhada a tatos que descrevem o próprio comportamento do falante. Tais tatos incluem respostas como

⁵ N. dos T.: *Weltschmerz* é um termo alemão cunhado no período do Romantismo e designa um estado de humor caracterizado pela apatia, pessimismo, melancolia, tristeza ou mal estar, causado pela contraposição e distância entre o estado concreto, real, das coisas e o mundo ideal.

bonita, familiar e similar, que se referem a estímulos externos, mas a possibilidade de que estímulos externos as controlem diretamente é contraindicada pelo fato de que essas respostas são evocadas por estímulos entre cujos membros os gradientes de generalização ou as propriedades objetivas comuns não podem ser presumidos. Skinner sugere que o elemento recorrente em situações chamadas de *bonita, familiar* ou *similar* está nas respostas do falante, não nas situações.

Isso, é claro, é o paradigma da mediação. Ele já está na psicologia operante por longo tempo. Pressupõe que um falante *pode* discriminar seu próprio comportamento como um evento encoberto, essencialmente privado.

OUTROS TIPOS DE CONTROLE DE ESTÍMULO

Além do tato, Skinner reconhece quatro classes especializadas de controle de estímulo. A fala *ecoica* “gera um padrão sonoro similar ao estímulo” (Skinner, 1957, p. 55) e é condicionada, não inata. Em um operante *textual*, “uma resposta vocal está sob o controle de um estímulo verbal não auditivo” (Skinner, 1957, p. 66), tal como material impresso, escrito ou ilustrado. Operantes *intraverbais* são compostos de relações estímulo-resposta que não mostram o controle refinado, ponto a ponto, dos ecoicos e textuais. A *audiência* ganha controle como um S^D cujos efeitos sobre a fala são sempre suplementares, de acordo com um processo a ser discutido abaixo.

A importante questão a respeito desse conjunto de estímulos é se eles são consistentes com a definição

física tradicional do S^D. Até onde posso determinar, todos eles são. Porém, um de dois erros muito facilmente cometidos pode levar à crítica errônea de que, de fato, encontrou-se um estímulo hipotético em *Verbal Behavior*. O primeiro é restringir *estímulo* a simples pontos ou dimensões. Quando um falante tateia uma pintura como *holandesa* [*Dutch*], ele está respondendo a relações complexas e sutis entre muitas dimensões simples do estímulo, não a algum elemento da holandesidade [*Dutchness*]. As relações que ele tateia são tão físicas quanto os elementos que as formam, contudo, e nenhuma dimensão hipotética do estímulo está envolvida. O outro erro é identificar o *referente* de um tato como seu S^D. Tatear não é referência. Referência é uma relação entre o ambiente e algumas das palavras em uma língua; sua existência é independente de qualquer falante. Embora a noção de referência tenha seus usos em outro lugar, Skinner mostra que, em uma análise funcional, ela é simplesmente prejudicial. A principal dificuldade é que uma palavra que *se refere*, enquanto está de fato controlada por seu referente em algumas relações de tato, também ocorre outras vezes controlada por outros estímulos aos quais ela não se refere. Então, alguém pode dizer *Eisenhower*⁶ porque apenas leu ou ouviu o nome; sua resposta se refere ao homem, mas é controlada pelo texto ou pelo estímulo ecoico. Tentar preservar a identidade referência-tato nessas circunstâncias conduz à apressada conclusão de que o Eisenhower que controla a resposta é agora um estímulo hipotético, mental. Em uma análise funcional, é claro, é o estímulo controlador, não o referente, que é de interesse. O falante que diz *Eu vou para a Europa este verão* se refere a um evento, mas não o tateia, porque ele ainda não existe. O enviado que reporta

⁶ N. dos T.: Dwight D. Eisenhower (1890-1969) foi o 34º presidente dos Estados Unidos, entre 1953 e 1961.

o que disse o embaixador não está falando ecoicamente, embora se refira à fala do embaixador. Em tais circunstâncias, presume-se que outros S^Ds, reais e concorrentes, estejam no controle.

COMBINANDO AS VARIÁVEIS: RECOMPONDO O AMBIENTE

Esses cinco tipos de controle de estímulo, mais motivação, constituem todas as variáveis que Skinner fornece para explicar a emissão da fala, e as funções que as relacionam a ela são simples o bastante para serem observadas em organismos inferiores. Considerando-se tudo, o aparato explanatório básico parece muito escasso, enquanto o comportamento verbal é muito complexo.

Mas o poder de uma simples lei funcional não deve ser subestimado. Um processo observado em um organismo simples tal como um pombo ou rato pode repetir-se no comportamento de uma criança ou adulto humano com valores de parâmetros imensamente diferentes. O comportamento gramatical pode ser condicionado muito rapidamente em crianças e em uma idade bastante precoce. Nem a complexidade, nem a rapidez, nem a idade da criança provam que os processos de condicionamento subjacentes são diferentes daquelas envolvidas no condicionamento do bicar a chave. O fato de que ratos e pombos nunca aprendam a falar não prova que seus processos de condicionamento sejam insuficientes. Ninguém tentou ensinar os animais a se comportar verbalmente usando os processos especificados em *Verbal Behavior* (embora Wenrich pareça ter treinado um rato a tatear, Premack está condicionando o tatear abstrato em um chimpanzé, e os Gardners estão ensinando os seus chimpanzés a mandar).

Mais importante, vê-se o poder de uma única variável se multiplicar quando nós levamos em consideração sua multiplicidade de efeitos. Duas formas do que Skinner chama de *causação múltipla* são identificadas em *Verbal Behavior*. Primeiro, uma única variável controla muitas respostas, dando muito a dizer a um falante mesmo em um ambiente estático. Nenhuma sequência de ideias é necessária para mantê-lo falando. Embora efeitos concorrentes múltiplos de uma simples condição de privação sejam familiares, efeitos múltiplos de S^D não são. No experimento de laboratório, um estímulo inicialmente neutro é normalmente selecionado para se tornar a variável controladora de uma única resposta, assim conduzindo a uma regra informal “um estímulo, uma resposta” que é, porém, artificial, e não uma consequência necessária do processo de discriminação.

Se um estímulo controla muitas respostas, o problema de explicar o volume absoluto da fala é resolvido, mas a solução gera outro problema porque, se diversas respostas são concorrentemente fortes, variáveis adicionais são necessárias para controlar a ordem de sua emissão e qualquer seleção e rejeição de resposta que ocorra. Ordenar é um problema de grande magnitude e interesse. Ele é discutido abaixo.

Em relação à seleção da resposta, duas tradicionais – mas repugnantes – soluções suggestionam-se. Uma é ceder finalmente e deixar o falante “escolher suas palavras” dentre aquelas atualmente disponíveis para ele pelas variáveis. Isso é rejeitado por Skinner porque tal comportamento de escolha deve, por sua vez, ser explicado. A outra mais um estratagema do que solução: prever que a resposta cuja história de reforçamento for mais favorável

ocorrerá primeiro – e então explicar as impreviões – quando a resposta ocasional de baixa força intervier, como se devido à oscilação (ou seja, ao acaso).

A alternativa de Skinner é explicar a seleção de resposta em termos das variáveis já à mão. Algumas respostas, sem dúvida, selecionam-se com base em sua história de reforçamento superior. A resposta inesperada, o neologismo, o lapso ou a intrusão são explicados por outra forma de causação múltipla em que uma dada resposta é concorrentemente reforçada por mais de uma variável, ou “dito uma vez por dois motivos”. Diz-se que suas forças separadas de fato se combinam aditivamente ou algebricamente. Skinner chama esse processo de *fortalecimento suplementar*. Os exemplos mais sutis e interessantes ocorrem dentro dos *grupos temáticos*. Um grupo temático pode ser definido como o conjunto de respostas reforçadas por um único S^D na relação de tato ou de intraverbal. Se uma resposta normalmente fraca em tal hierarquia recebe força adicional suficiente de uma variável suplementar, ela ocorrerá no lugar de outras respostas normalmente mais fortes. Um dos exemplos de Skinner (Skinner, 1957, p. 237) cita uma legenda embaixo de um quadro da cozinha na Rua Downing, 10: *A bad meal cooked here can derange British history* [Uma comida estragada preparada aqui pode perturbar a história britânica]. A excentricidade de *derange* [perturbar, transtornar] nessa sentença chama a atenção. Uma tendência existente para dizer *derange* como parte de um grupo temático incluindo *disrupt* [romper, interromper], *disturb* [perturbar, interromper], *deflect* [desviar], e assim por diante, pode ter recebido a

força suplementar necessária da *range* [extensão] um tanto proeminente na pintura.

Antecipando a crítica de que a explicação é improvável, Skinner afirma que “é frequentemente difícil provar as fontes múltiplas, mas exemplos são tão comuns que qualquer um que se preocupou em dar-se conta deles mal pode questionar a realidade do processo” (Skinner, 1957, p. 237). Isso é verdade, e o cético é incitado ao incômodo. Todos os dias, a fala está cheia deles.

Um processo similar ocorre quando a variável suplementar é ecoica ou textual e é, então, chamada de *fortalecimento formal*. Uma resposta tematicamente fraca pode às vezes ser fortalecida colateralmente por um estímulo ecoico ou textual que controla uma resposta similar. Rima, aliteração, assonância, e ritmo. Durante uma execução de *Richard III*, John Barrymore ficou famoso por ter sido capaz de falar apropriadamente, imediatamente *e* em cinco sílabas métricas [redondilha menor] não rimadas quando um espectador riu na linha *A horse, a horse, my kingdom for a horse* [Um cavalo, um cavalo, meu reino por um cavalo]. Sem hesitação, Barrymore trovejou *Make haste, and saddle yonder braying ass* [Apreste-se e sele aquele burro urrando]. O tema foi aparentemente determinado pelo riso, mas sua forma foi influenciada pelo contexto poético em que ocorreu.

Outros efeitos da causação múltipla incluem misturas e distorções, como quando a senhora com fome [*hungry*], aparentemente tão *ravenous* [esfomeada] quanto *famished* [faminta], confidenciou a seu companheiro de jantar que ela estava

⁷ N. dos T.: Nesse exemplo, *ravished* é um exemplo de uma combinação de duas respostas, *ravenous* e *famished*, ambas evocadas pelo estado de privação da falante.

ravished [violentada]⁷. Causas para esses efeitos patológicos não precisam ser presumidas. O fato de que tendemos a ouvir e lembrar melhor os lapsos “freudianos” que sugerem motivação patológica e cansaço do falante provavelmente se deve a um processo de seleção relacionado ao comportamento do ouvinte e não reflete uma característica geral de tudo o que se fala de modo errado e que provavelmente passa despercebido.

COMPORTAMENTO AUTOCLÍTICO

Mandos e tatos, assim como as respostas intraverbais, textuais, ecoicas e de audiência, constituem a matéria-prima da fala. Fenômenos verbais adicionais de grande interesse e complexidade permanecem a ser explicados. Eles são geralmente chamados de *gramática* e incluem *ordenar*, bem como certas formas de resposta tais como *e*, *mas*, *é*, *algum*, *exceto*, *não*, e assim por diante. Diz-se que esses comportamentos são *autoclíticos*, um neologismo destinado a sugerir que eles são controlados por outro comportamento. Então a gramática é concebida para ser causalmente dependente de, e temporalmente secundária a, primeiro ter algo para dizer, na forma de mandos, tatos, ecoicos, e assim por diante. A gramática é explicada dentro da análise existente e não invoca uma variável causal separada. É um fenômeno no lado da variável dependente, não uma causa em si mesma. Então, mais uma vez, o falante é excluído como um instigador causal.

Uns poucos exemplos mostrarão como o processo autoclítico funciona. *Autoclíticos descritivos* simplesmente comentam sobre as respostas que acompanham e que os controlam. *Eu vejo que vai chover* contém o autoclítico *Eu vejo*, que identifi-

ca a variável controladora de *vai chover*, enquanto *Ele disse que vai chover* identifica uma variável diferente. Como o *vai chover* pode ser dito por qualquer uma de um número de razões, o ouvinte precisa saber qual está envolvida na instância atual. Outros autoclíticos especificam a força do comportamento que eles acompanham, tal como *Eu estou certo de que...* como oposto a *Alguém poderia quase dizer que...* A identificação autoclítica do efeito de seu comportamento verbal sobre o próprio falante ocorre em *Felizmente sua queda não quebrou ossos*. Advérbio ou não, *felizmente* modifica o falante, não *quebrou*. O *nenhuma* em *nenhuma laranja*, discutido anteriormente, é autocliticamente controlado pela resposta metonímica *laranja*. No vernáculo, *laranja* é sobre a fruteira, mas *nenhuma* é sobre a resposta *laranja*, por mais estranho que possa ser traçar suas forças em variáveis separadas.

Ordenar é a segunda maior classe dos fenômenos autoclíticos, embora nem todo ordenar seja autoclítico. Por exemplo, *O chapéu do menino* poderia ser adquirido como uma simples unidade funcional, e a fala que é controlada ecoica, textual ou intraverbalmente não requer comportamento autoclítico.

Muito do ordenamento autoclítico real depende de “molduras autoclíticas parcialmente condicionadas” (Skinner, 1957, p. 336). Tendo separadamente adquirido *A arma do menino*, *o tênis do menino* e *o chapéu do menino*, o primeiro aparecimento do menino com uma bicicleta pode ser tateado como *a bicicleta do menino*, com o menino e sua bicicleta controlando seus respectivos tatos, e a relação entre eles controlando a ordem de sua emissão. Molduras similares incluem as ordens de relações de tato ação-ação e adjetivo-nome.

Então Skinner prossegue. A hipótese do autoclítico é o aspecto mais sutil, complexo e inovador de *Verbal Behavior*. Qualquer um que queira um verdadeiro exercício intelectual está convidado a aceitá-lo. Sua plausibilidade depende de ele ser capaz de aceitar a noção de que um falante pode responder discriminativamente a (1) o que ele está *prestes* a falar [“respostas não podem ser agrupadas ou ordenadas até que elas tenham ocorrido *ou estejam pelo menos prestes a ocorrer*” (Skinner, 1957, p. 332; itálicos adicionados)]; (2) por que ele está *prestes* a falar; e (3) quão forte o operante é. As discriminações dizem respeito a relações complexas entre a fala e suas causas e são muito rápidas. A esse respeito, é importante não recair na concepção de discriminação como um *ato* pré-comportamental separado. Ordenar é comportamento discriminado, não o resultado dele, de modo que as discriminações complexas em comportamento autoclítico não precisam ser atribuídas a um tempo pré-comportamental. Skinner aparentemente considera que a discriminabilidade das predisposições comportamentais próprias de um sujeito é suficientemente bem estabelecida para não justificar discussão explícita em seu tratamento do comportamento autoclítico.

Mesmo assim, a discriminação de fala *incipiente* levanta sérias questões, especialmente no que diz respeito à sua forma e *locus físicos*. Posso sugerir duas soluções possíveis. Primeiro, a fala *incipiente* que controla comportamento autoclítico pode ser concebida para ocorrer primeiro privadamente e então ser autocliticamente editada, como alguém que reescreveria um manuscrito incompleto. Porém a fala em andamento raramente parece ser marcada pelas pausas que tal processo exigiria. A segunda, e, creio eu, a correta e satisfatória reso-

lução do problema, é compreender que qualquer autoclítico que se refere à fala *incipiente* é de fato controlado pela variável que torna essa fala *incipiente*. Então o falante pode autocliticamente dizer *Eu estava prestes a comentar...* sob a influência da situação em que ele normalmente diz o que quer que venha depois, mas antes de ter feito isso. A situação que fortalece o *tato o menino* e *corre* também contém a relação que determina a ordem de sua emissão como *o menino corre*. Se eu estiver correto sobre isso, o comportamento autoclítico não é, estritamente falando, controlado por outro comportamento, mas por outros operantes. Há uma diferença.

PENSAMENTO

Verbal Behavior converge para uma análise do pensamento, com a qual o livro termina. Embora esse capítulo venha a fascinar aqueles que observaram a evolução da preocupação de Skinner com esse assunto, o pensamento acaba não sendo peculiarmente verbal. Sua disposição final é mais claramente definida nestes termos, “pensamento é simplesmente comportamento – verbal ou não verbal, encoberto ou manifesto” (Skinner, 1957, p. 494). Mais especificamente, é o comportamento “que automaticamente afeta aquele que se comporta [*behave*] e é reforçador porque assim o faz” (Skinner, 1957, p. 438). Como comportamento, então, o pensamento não tem propriedades únicas de resposta e nem fontes de controle únicas. O falante, portanto, sai perdendo novamente como o instigador autônomo. O pensamento, sua última chance de privacidade e autodeterminação, de criatividade e estilo pessoal, insere-se no determinismo do paradigma operante.

ÚLTIMAS PALAVRAS

Assim, a discussão em *Verbal Behavior* avança, inexorável e implacavelmente, à derrubada final do falante como um agente autônomo. Chomsky, retrocedendo diante dessa conclusão, aparentemente viu – muito corretamente – que a discussão em *Verbal Behavior* segue muito impecavelmente de suas premissas. Ele então atacou as premissas e essencialmente ignorou o que se seguiu delas em *Verbal Behavior*. Infelizmente para seus propósitos, Chomsky não compreendeu as diferenças entre o behaviorismo skinneriano e o watsoniano-hulliano, e suas críticas, embora estilisticamente efetivas, foram, em geral, irrelevantes para *Verbal Behavior*.

Ele estava simplesmente errado. Esse é um *grande* livro. O leitor bem familiarizado com a análise experimental técnica do comportamento encontrará verdadeiro prazer em observar o desdobramento de sua discussão elegante. Ele fornece uma rara oportunidade, em psicologia, para descobrir o potencial que existiu desde o começo, insuspeito, na formulação subjacente. Na linguagem do próprio livro, *Verbal Behavior* serve como uma variável suplementar, incitando respostas verbais que já tinham certa força antes de ele [o leitor familiarizado com a análise experimental do comportamento] ler o livro. Ele próprio poderia quase ter sido capaz de escrevê-lo. E ainda assim não o teria feito. O que é mais assombroso e excitante no livro é que a fala que ele incita diverge tanto dos resíduos de crenças pessoais tradicionais, pré-científicas sobre esse tema e, mais importante, sobre seu *self*.

O leitor psicologicamente sofisticado pode, como Chomsky, recuar perante as conclusões em *Verbal Behavior*, mas não acredito que possa racionalmente rejeitá-las.

Seu consolo terá de vir do fato de Skinner não poder provar – não mais do que qualquer outro cientista pode – que toda a variação foi explicada. O lembrete pode estar onde o leitor diretamente controla. Variabilidade não explicada não é a melhor base para a construção teórica, mas é sempre uma base segura, temporariamente. A história nos diz, porém, que essa variabilidade será descoberta por fontes não teóricas, mais provavelmente aquelas que já são reconhecidas.

Goste ou não, o nariz do camelo *está* na barraca. Marque minhas palavras.⁸

REFERÊNCIAS

- Chomsky, N. (1959). Verbal behavior by B. F. Skinner. *Language*, *35*, 26-58. doi: 10.2307/411334
- Kendler, H. H. (1959). Learning. In Paul R. Farnsworth & Quinn McNemar (Eds.). *Annual Review of Psychology* (pp. 43-88). Palo Alto, California: Annual Review, Inc.
- Morris, C. (1958). *Verbal Behavior*, by B. F. Skinner. *Contemporary Psychology*, *3*, 212-214.
- Osgood, C. E. (1958) *Verbal Behavior*, by B. F. Skinner. *Contemporary Psychology*, *3*, 209-212.
- Schoenfeld, W. N. J. (1969). R. Kantor's *objective psychology of grammar and psychology and logic: A*

⁸ N. dos T.: A metáfora do nariz do camelo (camel's nose) diz respeito a uma situação em que a permissão de um ato aparentemente insignificante acaba por gerar grandes e inesperados resultados ou consequências. Essa metáfora não tem correspondente no português brasileiro.

retrospective appreciation. Journal of the Experimental Analysis of Behavior, *12*, 329-347.

doi: 10.1901/jeab.1969.12-329

Skinner, B. F. (1950). Are theories of learning necessary? *Psychological Review*, *57*, 193-216. doi: 10.1037/h0054367. Também em: B. F. Skinner. (1959).

Cumulative record. New York: Appleton-Century-Crofts.

Skinner, B. F. (1953). *Science and human behavior*. New York: Macmillan Company.

Skinner, B. F. (1957). *Verbal Behavior*. New York: Appleton-Century-Crofts.

Recebido em 31/01/2017 Revisado em 31/04/2017 Aceito em 31/06/2017
--